

APRESENTAÇÃO

Seria o caso de considerarmos uma evolução na abordagem do tema dos super-heróis pela Filosofia contemporânea, segundo a qual teríamos, de maneira mais ou menos direta ou voluntária, uma relação que se mantém entre escolas, filósofos, conceitos e esses mesmos super-heróis, desde a aparição do *Superman*, em 1938, até a expressão atual do universo dos *supers*?

Com efeito, o Existencialismo e a Fenomenologia parecem servir como ponto de partida dessa aproximação, aparecendo como um elemento central para a análise muito original realizada por Umberto Eco do fenômeno das HQs, em particular do próprio Super-Homem. É então na geração que precede a sua, em textos que, na verdade, são contemporâneos de perto da aparição do *Superman*, que Eco encontra os conceitos necessários para levar a cabo a sua interpretação. Há, sem dúvida, um curioso paralelo aí, e ainda que Eco não o faça explicitamente, podemos supor, pois é isso que ele afinal acaba por indicar, o esboço de uma expressão contígua ou correlata, um paralelismo que se apresenta entre os dois planos, o da Filosofia e o das HQs. Que ressonâncias esperar dessa análise comparada?

Mas, essa aproximação então apenas se inicia. Contemporaneamente à investigação de Eco, outras filosofias talvez já gestassem os conceitos e problemas que exigiriam um reposicionamento dessas primeiras teses, existencialistas ou fenomenológicas. Ou, que ensejariam a passagem a uma nova hermenêutica dos *supers* (não necessariamente em prejuízo da anterior, mas funcionando como uma nova abordagem, uma nova linha interpretativa). Assim, nesse segundo momento, poderíamos compreender um deslocamento ou talvez uma expansão das soluções iniciais em direção a um outro panorama de análise, quando a configuração inicial do universo dos super-heróis já variava ela mesma, fortemente, em relação à sua expressão primeira.

Nesse caso, é possivelmente junto à Filosofia da Diferença que se encontrarão as formulações conceituais mais próximas desses novos caminhos, e parece-nos muito claro o encaminhamento dos heróis e heroínas na direção de conceitos e temas que vão marcar esse campo filosófico. Assim, por exemplo, com os conceitos de heterotopia, minoração, subjetividade ou subjetivação, dentre outros. Nesse segundo momento, entendemos que as HQs de super-heróis se redefinem sobretudo na direção da recusa de uma língua ou uma expressão *maior*, em benefício de línguas menores. É como se passássemos de heróis apenas *cívicos*, para outros novos, em que se percebe um certo engajamento ou, ao contrário, uma solidão, um isolamento afinal políticos. Se, de início, o universo *super* fora marcado por heróis como o *Superman* ou o *Capitão América*, ele já se remolda por inteiro, conforme uma nova recepção

das minorias, ao dar voz a mutantes, adolescentes, exilados de toda sorte, mulheres, negros, deficientes físicos. São esses personagens que se destacam nesse segundo momento. Há, além disso, a proposição de outros universos (ou multiversos), e mesmo uma importante renovação dos processos de subjetivação, mostrando conflitos inicialmente ausentes.

Afinal, em um terceiro momento, nota-se uma espécie de reivindicação ainda mais forte desse universo. Não se trata agora de fazer valer os conceitos dessa ou daquela filosofia para a compreensão ou interpretação dos super-heróis e heroínas, mas de tomar a esses e essas como um verdadeiro problema novo. Qual o real alcance dessas histórias, qual o seu impacto formativo, político, ético? Qual a sua pedagogia, e o que realmente *aprendemos* com os/as *supers*? Esse terceiro movimento não tem, na verdade, o sentido de uma mudança de status filosófico das HQs, mas indica, isso sim, a consolidação de uma efetiva *imanência*¹, com os super-heróis definitivamente entre nós, participando protagonicamente das questões contemporâneas. Essa orientação parece-nos, em particular, a de Slavoj Žizek, mas é também a de muitos outros. Importante notar que Žizek se vincula, em definitivo, à nova faceta de um universo em evolução: os filmes. *Batman*, *Homem-Aranha*, *Superman* e outros *supers* são recorrentes em suas publicações recentes. E, decerto, algo se passa em tudo isso que já não diz respeito apenas a filmes ou HQs. Longe disso. Trata-se de algo que diz respeito a nós.

A análise das HQs por Eco (2008) interessa-nos, em especial, pelo fato de ser ele um dos primeiros a emprestar sentido pedagógico ao universo dos super-heróis. A avaliação crítica do estatuto pedagógico dos *supers* possivelmente não foi por ninguém tão bem caracterizada². O interesse principal da análise de Eco está no uso que faz de categorias filosóficas contemporâneas, que efetivamente nascem junto com esses mesmos super-heróis, e na possibilidade, portanto, que elas têm de servir como uma medida *a quente* para esse fenômeno emergente. É então no Existencialismo e na Fenomenologia, em especial, que ele colhe termos como ação, possibilidade, projeto e liberdade (ECO, 2008, p. 254). Outros, ainda, ligados a esses mesmos campos, são frequentes no texto: escolha, temporalidade, mito/história, responsabilidade, projeção... É muito claro, para Eco, o impacto pedagógico dessas novas histórias em quadrinhos:

[...] a ausência da dimensão 'projeto' é, no fundo, essencial para o estabelecimento de uma pedagogia paternalista, a qual requer, justamente, a secreta convicção de que o sujeito não seja responsável pelo próprio passado, nem dono do próprio futuro; [...] porque tudo isso implicaria cansaço e dor, ao passo que a sociedade está em situação de oferecer ao homem heterodirigido os resultados de projetos já feitos, de maneira a

¹ ŽIZEK, S. *Problema no paraíso*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 262.

² A principal obra de Umberto Eco a promover tal abordagem é *Apocalípticos e Integrados* (São Paulo: Perspectiva, 2008, 6ª ed). Cf, em especial, o capítulo 'O mito do Superman': a principal consequência das histórias de super-heróis, e em especial as do *Superman*, será essencialmente (e profundamente...) pedagógica.

responder aos seus desejos, desejos esses que, ademais, lhe foram incutidos de forma a fazê-lo reconhecê-lo, no que lhe é oferecido, o que ele teria projetado. (ECO, 2008, p. 262).

Essa perspectiva se apresentaria de forma articulada, conseqüente, em particular na personagem do *Superman*, que, para ele, combina antinomicamente a iteração atemporal das suas situações existenciais, com uma certa ‘historicização’ ou, ao menos, uma romantização dessas experiências³. Essa apresentação confusa da ordem do tempo (ou mesmo a obliteração temporal característica às histórias) será, então, a pré-condição para o seu funcionamento formativo, educacional:

O problema não está em perguntar se, veiculados por um mesmo esquema narrativo, diferentes ‘conteúdos’ ideológicos podem surtir efeitos diferentes. É antes o seguinte: um esquema iterativo torna-se e permanece como tal unicamente na medida em que [...] exprime referências semânticas que são, por sua vez, privadas de desenvolvimento. Em outros termos ainda: uma estrutura narrativa exprime um mundo; mas disso nos damos conta ainda mais, revelando que o mundo tem a mesma configuração da estrutura que o exprimia. O caso do Superman é a confirmação dessa hipótese. Se examinarmos os ‘conteúdos’ ideológicos das histórias do Superman percebemos que, de um lado, eles se sustentam e funcionam comunicativamente graças à estrutura da série narrativa; do outro, concorrem para definir a estrutura que os exprime, como uma estrutura circular, estática, veículo de uma mensagem pedagógica substancialmente imobilista. (ECO, 2008, p. 271).

E Eco continua, desdobrando então o sentido mais importante dessa função pedagógica do super-herói:

A análise das estruturas temporais no Superman ofereceu-nos a imagem de um modo de contar na aparência fundamentalmente ligado aos princípios pedagógicos que governam uma sociedade do gênero. Será possível estabelecer [...] que o Superman não é mais que um dos instrumentos pedagógicos dessa sociedade e que a destruição do tempo que ele objetiva faz parte de um projeto de desabituacão à ideia de projeto de auto responsabilidade? (ECO, 2008, p. 262-263).

A análise de Eco, contudo, não nos parece ultrapassar a barreira da apreciação ‘negativa’ do fenômeno dos *supers*, o que impossibilita dimensionar corretamente o presente alcance desses, inclusive pedagógico. Nesse caso, os diversos paradoxos apontados por ele na construção da personagem do *Superman* parecem resultar, em boa medida, da própria linha de abordagem adotada. Eles são fruto tanto das identificações de Eco da estrutura própria às narrativas de *supers* quanto à estrutura de sua própria interpretação. Sobretudo, não fica claro porque os super-heróis deveriam necessariamente ser lidos à luz das filosofias existencialistas e fenomenológicas, senão por uma espécie de critério externo (e incerto) de contemporaneidade filosofante. Mas eles devem necessariamente se colocar, por força de sua

³ “[...] com ela [a figura do Superman], nos achamos diante do exemplo limite, o caso em que o protagonista, de saída, e por definição, tem todas as características do herói mítico, encontrando-se, ao mesmo tempo, inserido numa situação romanesca de molde contemporâneo.” (ECO, op. cit., p. 251).

contemporaneidade, sob o escrutínio conceitual dessas filosofias, como condição para a sua inscrição em seu tempo? Para ficar em conceitos caros aos existencialistas, Filosofia e HQs professam ou preconizam um mesmo tipo de escolha ou de responsabilidade? Assim, parece claro que boa parte das dificuldades ou limites apontados por Eco nas HQs é decorrente apenas do fato de se analisarem essas HQs segundo concepções que não lhe são intrínsecas. Com isso, inevitavelmente elas haverão de mostrar um déficit, mas não só em relação a essas filosofias, como em relação a quaisquer outras.

Sem nos desfazermos das teses de Eco, entendemos, ao contrário, que os *supers* não simplesmente deformam, ou mal-formam a nossa cultura, mas sim são nela, crescentemente, um elemento de real formação. Os processos de subjetivação, a formação de subjetividades, podem ser hoje pensados, em seus diversos aspectos, inteiramente em separado da presente cultura *geek*? Mesmo o termo sub-cultura ainda parece permanecer ‘alto’ demais, talvez distante demais, para mostrar-se adequado a um diagnóstico mais efetivo desses processos.

E, com efeito, avança-se em muitas outras direções, nas últimas décadas, em busca de conceituações mais adequadas. Isso vale, por exemplo, para o conceito de heterotopia, desenvolvido por Foucault.⁴ Ou o de língua menor, ou de minoração, formulados por Deleuze e Guattari.⁵ Sem dúvida, eles nos ajudam a pensar a grande transformação por que passam os super-heróis a partir do final dos anos 50, e por toda a década de 60 e 70.

Finalmente, as concepções de Žižek apresentam hoje as várias faces (política, social, ética...) dos super-heróis. Em um tempo onde as nossas forças de homens e mulheres parecem exigir sempre um esforço a mais, ou encontram-se à beira da extenuação, os *supers* já não demandam nenhuma conceituação externa para parecerem *reais*. Somos nós mesmos, a cada dia, a evidência de um sobretrabalho, de uma super-ação... E, na verdade, eles, como nós, parecem tão envolvidos pela dicotomia profunda de Amor & ódio, que já não se luta por uma qualquer concórdia universal, afinal impossível; é possível, é incontornável apenas seguir lutando.

⁴ O traço saboroso, aqui, é que a descrição por Foucault do que chama de *heterotopia* coincide grandemente com várias das descrições presentes nas HQs para caracterizar outros universos, ou multiversos. A semântica é obviamente próxima. “[...] [A]s utopias [...] são as alocações sem lugar real [...], que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços [...] essencialmente irreais. Há igualmente [...] lugares reais, lugares efetivos, [...] que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-alocações, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais [...] todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as alocações que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias. [...] [São] espaços diferentes, [...] outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço onde vivemos”. FOUCAULT, M. De espaços outros. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008. Consulta em 10/12/2020.

⁵ Cf, em especial, DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Kafka. Pour une littérature mineure**. Paris: Minuit.

Nesse dossiê, intitulado *A super-educação de heróis e heroínas – HQs, filmes, séries...*, buscamos enfrentar o tema candente de uma super-presença entre nós, de novos heróis e heroínas contemporâneos, em particular enfocando a sua influência sobre a educação. Seu impacto formativo está por ser melhor esclarecido, mas nos parece já inegável. Sejam da Marvel, da DC, ou de outras franquias, a presença cultural dos *supers* é evidente, e sua participação na formação das subjetividades contemporâneas já não pode ser desprezada.

O dossiê se inicia com uma seção de apresentação do tema. Essa tem, então, por título ‘O herói: uma abordagem inicial’, e enfoca dois momentos cruciais de proveniência dessa personagem. Compõem-na dois artigos com temática mais geral, que possibilitam traçar um esboço das diferentes concepções do ‘herói’, na sua expressão ocidental original, antiga, e, em seguida, sob a perspectiva da sua revisão moderna. São eles, respectivamente, *Entre o bem e a glória: Super-heróis como modelo ético e político*, de Heitor Coelho e *Thor - uma Abordagem Contemporânea do Bildungsroman*, de Diogo Henrique Feliciano de Oliveira e Leonardo Maia.

A seção seguinte – ‘A passagem ao feminino: diferença como valor e virtude’ - apresenta dois artigos que trazem a perspectiva do universo heroico feminino, em sua afirmação e crítica: *Princesas em pleno século XXI? – histórias para meninas e mulheres empoderadas*, de Valéria Cristina Lopes Wilke e *Mulher-maravilha e as virtudes maravilhosas*, de Carolina dos Santos Jesuíno da Natividade e Célio Juvenal Costa. Percebe-se toda a importância dessa variação: a diferença se torna então um valor, um elemento novo para a apreciação e a avaliação, em prol de novas perspectivas. Ou, mais diretamente, define-se toda uma virtude presente já no ser-mulher ou no tornar-se mulher, na aprendizagem do feminino, seja mesmo pelas próprias mulheres.

Os três artigos seguintes dialogam com o tema do Super-Homem, em suas raízes históricas, sua presença contemporânea e sua dimensão prototípica ou arquetípica para a consolidação do super-herói. É impossível determinar todo o impacto da sua aparição e presença cultural. O exemplo é o mais próximo: quase todos os artigos do dossiê fazem alguma menção a ele. Esta seção denomina-se ‘O Super-homem como arquétipo do herói contemporâneo’ e os textos são: *Super-Homem, e a mitologia moderna nos super-heróis de HQs*, de Susana de Castro, *A permanência do mito do herói: educar pelo exemplo*, de Jennifer Andresa da Silva Cabrera e Angela Zamora Cilento e *O Superantitese - Observações sobre a condição retórica do Superman*, de Rafael Viegas.

A quarta seção tem por tema ‘A (super)formação das subjetividades e a figura do herói - crianças, adolescentes, fãs’. *A violência animada: notas sobre associações entre a violência, o heroísmo e sua influência sobre a criança*, de Raveni Joazeiro Silva e Ana Lucia Castilhano, *Vilões e anti-heróis: percepções de adolescentes sobre lideranças políticas*, de Denise D’Auria-Tardeli e Lucian da Silva Barros e *O papel do fã em Kick-Ass: uma análise do fandom como ferramenta didática*, de Marcelle Fonseca Belfort compõem esse quarto bloco, com artigos relacionados à infância, à adolescência e ao universo dos fãs.

No bloco seguinte, ‘Identidade, inclusão, opressão: só uma super-educação poderá nos salvar?’, *Os morlocks na perspectiva de oprimidos e os diálogos com a pedagogia de Paulo Freire*, de autoria de Cíntia C. Maciel Neves, Gelson Weschenfelder e Hildegard Susana Jung, *A ética em Steven Universe: um modo de transversalizar a identidade através do herói*, de Samuel Possidonio de Souza e Rosemary Lapa de Oliveira e *Utilização da série animada “The Last Airbender” e “Legend of Korra” como alicerce de uma prática docente inclusiva*, de Anderson Rodrigues Ramos, Pedro Antônio dos Santos Bonfim Gonçalves, Priscila Tamiasso-Martinhon e Ângela Sanches Rocha apresentam a relação das histórias dos *supers* com a temática das minorias e suas formas de resistência. Destacam-se, aqui, os temas da inclusão, da identidade e da luta contra a opressão.

Três artigos compõem a seção seguinte, ‘Super-heróis: possíveis usos na educação e na escola’, em que o enfoque será a relação mais próxima entre a presença dos heróis e heroínas e suas possíveis articulações educacionais, escolares. São eles: *Education for leisure in Elementary School: the use of comic books in Physical Education classes*, de Cinthia Lopes da Silva, Silvio Rossi Filho, Priscilla Pinto Costa da Silva, Gisele Maria Schwartz, Marcio Ferreira de Souza, Adalberto dos Santos Souza, Adriano Scalzitti, Rosiane Pillon, Luciene Ferreira da Silva e Ana Carolina Capellini Rigoni, *Saitama e o Enigma do Mestre*, de Danilo Bantim Frambach, e *Reflexões sobre os super-heróis na educação e suas potencialidades*, de Sandro Luiz Modesto.

Por fim, fechando o número, temos quatro artigos desenvolvendo estudos temáticos, sobre a *Caverna do Dragão*, *Chico Bento*, *Deuses Americanos* e a *Fonte*. O tema desse último grupo de textos é, assim, a especificidade de alguns personagens ou temáticas, tomadas como ‘estudos de caso’: *Deuses como ideias: uma análise de Deuses Americanos sob a perspectiva deleuziana*, de Marcelle Fonseca Belfort e Leonardo Maia, *Adolescência, desenvolvimento moral e educação: Considerações a partir do desenho animado Caverna do Dragão*, de Lucian da Silva Barros, *O impacto do resultado da avaliação na dimensão sócio afetiva do estudante, a partir das histórias em quadrinhos de Chico Bento*, de Fabíula Campos Falcão Fagundes e Gelson Vanderlei Weschenfelder e *Desdobramentos da Fonte no multiverso da DC Comics*, de Fabio Mourilhe.

Uma super-leitura a todas e todos!

Leonardo Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Organizador do dossiê